



Reflexões sobre a filosofia, a arte e a educação na formação humana

Reflections on philosophy, art and education in human development

Monaliza Alves Lopes
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Inhumas/GO- Brasil
Juliane Aparecida Ribeiro Diniz
Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN)
Aparecida de Goiânia/GO - Brasil

Resumo: Este artigo é de cunho teórico decorrente de uma revisão bibliográfica fundamentada nos estudos de Amaral (2020), Souza (2014), Furtado (2009), Coêlho (2008; 2009), Severino (2003), dentre outros autores. A pesquisa tem por objetivo refletir acerca da relação entre filosofia, arte e educação no desenvolvimento integral do ser humano, destacando que a experiência estética e o pensamento crítico-reflexivo, potencializados pela filosofia e arte no contexto educacional, são fundamentais para a formação humana cognitiva, emocional e biopsicossocial. A partir dos estudos realizados reconhece-se, portanto, que a filosofia e arte inseridas no contexto plural e coletivo dos ambientes educacionais contribuem para formar sujeitos autônomos, capazes de duvidar, questionar, contestar e buscar o sentido do mundo, em oposição à simples repetição de informações.

Palavras-chave: Filosofia; Arte; Formação humana.

Abstract: This article is theoretical in nature, stemming from a literature review based on the studies of Amaral (2020), Souza (2014), Furtado (2009), Coêlho (2008; 2009), Severino (2003), among other authors. The research aims to reflect on the relationship between philosophy, art, and education in the integral development of the human being, highlighting that aesthetic experience and critical-reflective thinking, enhanced by philosophy and art in the educational context, are fundamental for cognitive, emotional, and biopsychosocial human development. Based on the studies conducted, it is recognized that philosophy and art, inserted in the plural and collective context of educational environments, contribute to forming autonomous subjects capable of doubting, questioning, challenging, and seeking the meaning of the world, as opposed to the simple repetition of information.

Keywords: Philosophy; Art; Human Development.

Introdução

A educação, a arte e a filosofia são realidades distintas que se realizam de modo indissociável, quer dizer, se efetivam numa unidade dialética. A educação e a intencionalidade que lhe é constitutiva, se materializa em vista de um tipo de formação – crítica ou acrítica – , a arte, como mostra Amaral (2020), se manifesta como dimensão de expressão, de reflexão e de formação humana em sentido sensível, enquanto a filosofia propicia arcabouço teórico para compreender questões epistemológicas, históricas e política indissociáveis da existência do homem e da humanidade no que concerne a compreensão do sentido, natureza e fim das coisas do mundo humano. Sendo realidades distintas que se efetivam no movimento indissociável em vista da formação humana, transitam entre a busca do sentido e a busca da verdade do real com vistas a compreendê-lo e transformá-lo, como afirma Amaral (2020), Furtado (2009), Severino (2003), dentre outros.

A arte, segundo Amaral (2020), se realiza no plano da composição e busca do sentido das coisas e, por intermédio de suas diversas linguagens, possibilita ao homem conhecer e expressar sentimentos, emoções, ideias, concepções e visões de mundo de modo a contribuir em sua formação integral, bem como para a constituição de sua subjetivação, ou seja, a constituição de seus valores e crenças. A filosofia, por sua vez, por situar-se no plano da imanência, da busca da verdade, do conhecimento da natureza e sentido das coisas, se abre ao exercício de compreensão mais profunda dos fenômenos no âmbito da existência humana.

A estética é um ramo da filosofia que se dedica ao estudo do belo, da arte e da beleza, procurando compreender as experiências sensoriais, sentimentais e emocionais provocados pela vivência artística. Esta experiência estética, como afirma Furtado (2009), pode ocorrer de forma involuntária ou em formato circunstanciado, intencional, como ocorre na educação e na formação.

A educação, no que lhe concerne, é processo intencional e planejado de formação humana. É processo contínuo que forma o indivíduo em suas diversas dimensões numa sociedade historicamente situada. Nesta perspectiva entende-se que a filosofia e a arte atuam como elementos fundamentais na constituição de sujeitos críticos, éticos, capazes de reconhecer-se como responsáveis pela participação política em vistas da transformação social. Por isso, como argumenta Coêlho (2009), o acesso ao mundo da cultura, as linguagens

artísticas, a filosofia, o abrir de novos horizontes é fundante da formação humana em sentido amplo.

Neste sentido, o presente artigo tem como propósito refletir acerca da relação entre educação, arte e educação na formação humana integral, isto é, uma formação para além da instrumentalidade. Ressalta-se que a experiência estética, o pensamento crítico, potencializados pela filosofia e a arte no contexto educacional, são fundamentais na formação do homem, na confirmação da humanidade do homem no sentido defendido por Coêlho (2009, 2008).

A presente reflexão, por meio de uma breve revisão bibliográfica ancorada nos estudos de Amaral (2020), Souza (2014), Furtado (2009), Coêlho (2008; 2009), Severino (2003) e outros autores, discute a relação entre educação, arte e filosofia e, a partir do estudo, formula-se as considerações finais.

Educação, arte e filosofia: questões sobre a formação humana

Segundo Amaral (2020), o caos é o que impulsiona a filosofia e a arte, uma vez que desafia a ir no sentido contrário da reprodução e da domesticação. Assim, criar, experimentar, interpretar e inventar são ações combatentes à desordem e ao imprevisível. A partir dos estudos deste autor somos provocados a considerar três Formas de Pensamento: a Filosofia, a Ciência e a Arte, realidades reconhecidas pelo teórico como filhas do Caos. O caos do mundo, mas também o da existência humana. Por questões de delimitação do tema do texto em tela, nos deteremos mais especificamente nas formas Filosofia e Arte.

A filosofia, enquanto forma de pensamento gera conceitos e por meio deles estabelece o anticaos que é a reflexão sobre a manifestação dos fenômenos, enquanto expressões de manifestações de representações da realidade. A arte, outra forma de pensamento, gera sensações, sentimentos e propicia comunicações. Como recorte criado no caos, pela arte, as diferentes linguagens artísticas buscam dar sentido ao caos – do mundo e da nossa existência –, como realça Amaral (2020). As sensações que a arte instiga são permanentes, ainda que a obra deixe de existir, por qualquer que seja o motivo. O que se conserva vai além do material.

Mas o que é o caos? E como é? “Caos é abismo a ser penetrado e combatido” Amaral . Com vistas a pôr em questão a filosofia, a arte e a formação humana, reconhecemos como aspecto fundante pensar a dialética entre filosofia e literatura. Filosofia e arte como

realidades que lutam contra o caos, “lutam contra a segurança da opinião formada (lugar-comum, clichê, chavão, mais do mesmo, enfim, por toda doxa que resiste à criatividade e à experimentação” (Amaral, 2020, pp. 31, 35). Lutam contra a reprodução e a domesticação.

Ora, a opinião, a *doxa*, está no reino da superficialidade, da aparência sobre as coisas, sobre o real. A arte – aqui destacamos a Literatura – são formas de pensamento que possibilitam chegar à visão sobre as coisas, sobre o real. A Filosofia reconhecida como forma de chegar à verdade das coisas, para ver o que é e como é. Filosofia para chegar aos conceitos, para fazer distinções, para filosofar, ir além da *doxa*, pois é próprio dela “criar conceitos” e é próprio da arte produzir obras nas quais se manifestam o ser das sensações” (Amaral, 2020, p. 32).

O autor argumenta que a literatura permite ver a representação da realidade e, mais que isso, ir além dela com a perspectiva de intervenção no real. Afinal, é reveladora. “Em outras palavras, ao mesmo tempo em que literatura se esforça em representar o mundo, ela o revela, e, ao revelá-lo, ela aventa possibilidades, instaura o inaudito, engendra o improvável, anseia, enfim, por um mundo transformado” (2020, p. 38). A literatura existe entre o real e o utópico, a um só tempo ela vê o real e se abre ao que está por vir. Por meio da palavra – do poder da palavra – a literatura se abre como possibilidade de compreender e mudar o mundo, no sentido de transformá-lo.

A experiência estética, portanto, é a relação da conexão do objeto com a sapiência estética do ser que, consequentemente, forma-se nova concepções do mundo e de uma inserção nele. Experimentar, conectar, perceber, conhecer, movimentar, pensar, olhar, sentir são ações que compõem a experiência estética. O homem e o mundo se conectam, uma vez que, é abrir-se a consciência para o mundo.

De acordo com Furtado (2009), perceber é conhecer, é ir além do que se pode ver, para além do que está posto, para além do que é dado no mundo. O objeto estético, que tem seu significado por si só, é reflexo do que está no sensível com vários sentidos. Ou seja, o objeto estético, em contato com o ser e com o mundo revela novos sentidos, novas percepções, novo olhar da realidade, ou seja, novas formas de interpretar o mundo.

O corpo, aberto ao sensível, é o condutor da significação a partir de sua interação com o mundo. No que se refere ao objeto estético, este “se anuncia” ao corpo, se antecipa à necessidade deste corpo para satisfazer suas exigências existenciais. Visto que todo o sentido do objeto estético é dado no sensível, os esquemas que

organizam o sensível asseguram o brilho e o poder do objeto para o convencimento do corpo. O plano da presença explica a unidade objeto-sujeito na qual ambos são “indiscerníveis” (Furtado, 2009, p. 144 e 145).

O objeto estético propicia prazer contemplativo. O regozijo estético é diferente do prazer físico, pois conduz a enaltecer o pensamento, nova visão, criticidade. A presença do objeto estético é indispensável ao movimento de interação do sujeito com vistas ao conhecimento, reconhecimento a partir dos sentidos que são interligados a essa ação, a este contato do sujeito com o objeto estético. Por meio do contato surgem as sensações de perceber e sentir intensamente permeando para o aspecto representativo, da imaginação, da percepção, do pensar. Esse movimento é permitir, abrir-se para o novo, para o desconhecido, é conhecer o novo. Por meio da experiência, do sensível, têm-se conhecimentos visíveis, portanto, um novo objeto, além do que se pode capturar essa representação do mundo pelo abstrato, ou seja, pela lógica como expressão epistemológica.

Conforme Furtado (2009, p. 149) a experiência estética conduz a reflexão que dimensiona o sentimento. Dado que, o sentimento, não no sentido emotivo, mas revelador do mundo, como ele é sentido e suas aparências. Esse processo se dá na compreensão do objeto estético reverberando a relação com o mundo. “O sentimento é, pois, conhecimento. E conhecimento que não é reflexivo, pois acolhe o afetivo, mas que representa um compromisso com relação ao mundo, que é sentido e não mais pensado”. A fruição, a experiência estética de uma obra se abre à possibilidade de compreensão do que está expressando, revelar seus detalhes no contato com o sujeito.

Quando o homem tem contato com o objetivo, com a obra, há conhecimento anterior a esse movimento, independente de qual seja o seu teor, posteriormente há a formação de novas concepções epistemológicas. É possível compreender que o conhecimento prévio prepara para a experiência estética. A percepção e a reflexão são fundantes para que essa experiência aconteça.

No contexto da sociedade capitalista, sobretudo no âmbito da educação, da escola e da formação, o ser humano está vivenciando a lógica da mercantilização, da instrumentalidade e, em um processo contínuo e acelerado, deixa de sentir, ouvir e perceber a beleza à sua volta, deixa de ver o real e os nexos que o constitui. Essa lógica produz uma crescente “preocupação com os resultados, a eficiência e a produtividade da escola” e, como

consequência mais direta, o distanciamento de um projeto de formação em sentido amplo. Ao se contrapor a essa instrumentalidade, Amaral (2020) ressalta que a contemplação artística como uma experiência estética, viabiliza perceber o mundo detalhadamente e com teor humanizado.

Nesse sentido, Coêlho (2008) defende que a cultura artística, a filosofia, a escola são dimensões inseparáveis da formação humana e não devem ser reduzidas a produtos, mercadorias ou instrumentos de mercado. A cultura é entendida como criação contínua de significados, valores, artes, ciência e filosofia, capaz de humanizar indivíduos e transformar a realidade na qual esse ser humano está inserido. Compreende-se, a partir destas ideias, que a filosofia e a arte, ao lado das letras e das ciências, inseridas no contexto plural e coletivo dos ambientes educacionais contribuem para formar sujeitos autônomos, capazes de duvidar, refletir, contestar e buscar o sentido do mundo, em oposição à simples repetição de informações.

A educação e a formação humana

Ao se inspirar no conceito grego de *paideía*ⁱ, Coêlho (2008) afirma que a educação deve visar à formação integral do homem - intelectual, ética, estética, filosófica e política - e não apenas à preparação técnica para o mundo do trabalho. A educação deve proporcionar contato profundo e interrogante com as obras culturais e estéticas, ampliando horizontes e formando sujeitos autônomos e criadores de cultura. Para o autor, a filosofia, a arte nos auxiliam a pensar “as questões da natureza, do sentido, da razão de ser e dos fins da escola, e sua relação intrínseca com a sociedade, a humanidade, a cultura, a educação, as outras instituições, o saber, a ciência, a tecnologia, as letras, as artes, a filosofia” e, também, “os valores, as práticas e o imaginário coletivo” (Coêlho, 2009, p. 203). Reconhecemos com o autor o quanto fundamental é compreender que a educação, a arte e a filosofia são constitutivas da formação humana e, mais que isso, buscar romper com a instrumentalidade que, em ampla escala, orienta o trabalho educativo.

Para isso, segundo o autor, é fundamental o cultivo rigoroso da leitura, da imaginação, da sensibilidade, da experiência artística e do pensamento crítico-filosófico, valorizando o que é público, comum, inclusivo e combatendo desigualdades. Ou seja, a educação para priorizar a formação humana não deve apenas reproduzir o mundo da imagem, do som e do

movimento, mas precisa-se ser espaço de invenção, de criação de novos direitos, de reflexões, de emancipação e de construção da democracia e da justiça.

A educação engloba a técnica, a ética e, não menos importante a humanização.

Formação humana, formação técnica, formação ética: a que formação ou a quantas formações se presta a educação? A tantas, a algumas, a apenas uma? Sim, ela é técnica quando apresenta ao aluno as teorias referentes à área de conhecimento, as maneiras práticas de se fazer sua função (a técnica da profissão). É ética quando se propõe a inserir-se na cotidianidade dos fatos, na atualidade do mundo, refletida e implicitamente, buscando suporte filosófico para as discussões. É humana quando põe sobre o homem o olhar detido em suas peculiaridades, em seus mais íntimos e alegres desejos, em sua maneira singular de estar no mundo e dele participar, transformando-o. A educação é tantas em um só nome! Sua atuação não se restringe à escola, à faculdade, à universidade, mas parte para o mundo, para a vida, motivo por que deve ser ela não meramente instrumental, mas humana, estética (Amaral, 2020, p. 10).

Nessa direção, Furtado (2009) ressalta que o problema da Educação está fundamentado no conflito do conhecimento sensível e inteligível, ambos os caminhos conduzem para a auto formação. Dessa forma, possibilitar o olhar crítico conduz a formação humana com vistas à reflexão, ao pensar, ao criticar. Assim, esta autora enfatiza que perceber a subjetividade artística, enquanto expressão mediadora entre o sujeito e o objeto, ressignifica a estética, compondo novos sentidos que caminham para interpretações do real, as quais tornam-se instrumentos para a liberdade, para a autonomia humana e para a constituição do ser humano sensível e crítico.

Por intermédio da arte é possível resgatar a expressão humana, as relações sociais, os valores e a cultura. A arte pode resgatar os aspectos humanos, contribuir para a reflexão, a criticidade e a racionalização do homem. Os detalhes da arte instigam o olhar minucioso que possibilita o direcionamento das ações, do pensamento, da reflexão.

Rossi, Rossi e Assumpção (2020) defendem que a escolaⁱⁱ, enquanto instituição educativa, deve construir conhecimentos sistematizados, eruditos e elaborados, essenciais para ampliar a subjetividade dos alunos, desenvolver consciência crítica-reflexiva e compreender a realidade para além das aparências, priorizando a ciência, a arte e a filosofia.

Nesse sentido os autores indicam que a ciência deve ser vista como resultado do processo humano de trabalho, o qual une causalidade e teleologia para compreensão da essência dos objetos, cujo papel é apreender de forma sistemática a realidade, superar o aparente imediatismo e revelar suas determinações históricas e sociais. A arte, por sua vez, é

manifestação e expressão cultural, a qual cumpre uma função social específica de comunicação, revela traços essenciais da condição humana e das relações sociais, eleva a consciência por intermédio da subjetividade e da razão e combate a alienação. E a filosofia, por fim, é vista como reflexão sobre a essência e a formação do gênero humano, fazendo com que o homem comprehenda o mundo, a si e a sociedade na qual se insere.

Portanto, comprehende-se que Rossi, Rossi e Assumpção (2020) defendem que a ciência, a arte, a filosofia e a educação fornecem os conhecimentos necessários para se ultrapassar as aparências do real e colaboram para a formação humana integral dos estudantes, em âmbitos cultural, intelectual, social, político, ético e sensível. Isto é, “Socializar o clássico das ciências, artes e filosofia na escola é contribuir para que os alunos possam ter chances de ampliar e elevar seu nível cultural e intelectual, suas concepções de mundo e de ser humano” (Rossi, Rossi e Assumpção, 2020, p.155).

Furtado (2009) faz análise da teoria de Mikel Dufrenne referente à Educação de maneira que possibilite o exercício do pensamento perante a realidade. A autora vincula as problemáticas educacionais, de maneira a pensar sobre os fatores que a constituem. Portanto, é possível perceber, que a experiência estética e filosófica movimenta o pensamento humano e, consequentemente, sua formação, pois a percepção de cada um é crucial nesse processo com a presença do sentimento e da sensibilidade que coexistem individualmente.

A autora comenta que o ato de se abrir para o mundo possibilita mudanças e formação da consciência do homem. O que é formado no interior se exterioriza. Por isso, o exercício do pensamento forma os seres humanos e os constituem, “a experiência representa um ‘sair de si’, em busca de novas experiências, viver, conhecer e compreender o mundo em sua gratuidade, na comunicação originária com o objeto, e retornar a si” Furtado (2009, p. 141). A conexão de si com o mundo externo forma novas concepções de enxergar o que está em sua volta e abster-se do que não é favorável a si mesmo.

A experiência estética, a experiência intelectual, o filosofar, é abrir-se para o novo, o desconhecido, ou até mesmo reviver novamente com o intuito de conhecer o mundo, enquanto uma expressão de sua representação do que ele é como interpretação. É compreender os mistérios, as problemáticas, as facetas existentes em sua volta. Assim, a experiência é experimentar o mundo, inserir-se nele e ser inserido pelo mundo. É movimento

ambíguo. “Essa atitude de abrir-se para o mundo manifesta a capacidade de mudança, de criação, de transformação do ser humano, num movimento constante de, a partir desses processos interiores, atirar para o exterior” (Furtado, 2009, p. 143).

A educação, que busca a formação humana como essência, não se limita ao reducionismo conteudista. Nessa perspectiva, compreender a experiência estética e relacionar com a educação, é possível perceber que:

A experiência estética pode acrescentar muito à educação, na medida em que promove o aguçamento da percepção, por uma observação mais atenta que permite descobrir todos os detalhes da obra, e ainda na medida em que se aprende a captar o conjunto de suas aparências para, enfim, apreender a realidade como um todo, além de desenvolver a imaginação e a capacidade de análise em todos os campos, promovendo um enriquecimento e alargamento do saber (...) A educação, em seu encontro com a estética e na reciprocidade entre a experiência e a consciência assume, na perspectiva fenomenológica, uma importância vital para o acontecimento da atitude estética diante do mundo e das coisas do mundo, invocando no olhar comunicante do sujeito, a abertura ao mundo da obra na formação da consciência (Furtado, 2009, p. 153).

A educação estética e filosófica possibilita enxergar para além, o que ainda não foi descoberto. Conforme Furtado (2009, p. 154), “propõe uma amplitude outorgada no âmbito do psicológico, do econômico, do político, do social, do cultural e do pedagógico, promovendo o ato de relacionar, de acrescentar e de fundamentar um sentimento estético vinculado ao mundo”. As inquietações, a criatividade, o desconforto são favoráveis à educação no sentido de pensar o futuro e, portanto, intervir no presente, modificar o futuro. Por intermédio da educação estética é possível formar o homem com olhar crítico, detalhista, um ser pensante que busca enxergar para além do que está posto. A experiência estética possibilita a formação autônoma, libertadora, ética e política.

A educação perpassa pela arte como possibilidade de conhecer, pensar, refletir. Dessa forma, permitir diversos conhecimentos. A educação estética contribui para a formação cultural do homem. O imediatismo existente dificulta o movimento reflexivo, do pensar, das novas percepções.

Portanto, a contemplação visual, sensorial conduz para a formação de novos pensamentos e compreensão do ser no mundo e estar nele. A reciprocidade na experiência estética entre o objeto e o ser, entre os sujeitos, entre o ser o mundo, são condições que revelam o favorecimento da experiência estética no âmbito educacional.

Coêlho (2009) argumenta que a educação está se fundamentando em princípios capitalistas que desvaloriza a formação humana e predispõe para a preparação para o mercado de trabalho. Dado que, concentra-se em construir uma profissão. Desse modo, sua essência subsidia uma obrigação, tornando-se exaustiva para os docentes e discentes. Além disso, a real missão educativa que é a formação humana não é considerada prioridade. Portanto, a falta de diálogos criteriosos, rigorosos, abrangendo amplamente a sociedade, assim como as instituições, organizações e o Estado, dificulta a reflexão mediante os anseios educacionais.

Os discursos, as propostas e as políticas relativas à formação de professores frequentemente ficam à deriva, sem rumo, oscilando entre o mirabolante, a adesão incondicional às tecnologias da informação e da comunicação, a incapacidade de compreender os processos educativos e escolares, complexos, ambíguos, às vezes contraditórios e profundamente humanos, bem como de propor novos rumos para o trabalho de educar e de formar, na sociedade mais ampla e na escola, sem cair em banalizações e simplificações grosseiras que comprometem a existência coletiva (Coêlho, 2009, p. 204).

A individualidade, a busca quântica em ênfase como fundamentos educacionais são fatores a serem refletidos, pois o bem comum a sociedade, a humanização, a autonomia, a cultura, que são significativas e necessárias para a sociedade. É importante ressaltar que compreender o sentido da educação e da escola direciona e aproxima-as mesmas da sua essência existencial.

O que está em questão aqui é a compreensão do sentido e da finalidade, da razão de ser da educação e da escola, o que as faz serem elas mesmas, em suas relação intrínseca com a sociedade, a humanidade, a cultura, a formação humana, o saber, a filosofia, as letras, as artes, a tecnociência, as ideias e as práticas (Coêlho, 2009, p. 205)

Segundo Coêlho (2009) a sociedade espera a formação de professores para o saber sistematizado e acumulado e, assim, reproduzir enquanto docente. No entanto, esse autor convida a refletir a educação para formar pessoas que compreendam o sentido da vida, das coisas, do homem e tudo que esse produz. Que o ser humano tenha e saiba o sentido da vida, seja autônomo e não apenas apegar-se a uma preparação competitiva mercadológica.

Nesse contexto, acredita-se que haja a criticidade, alegria para descobrir algo novo, criatividade, conduzindo a formação da sociedade justa, autônoma e livre. Por isso, a importância das letras, das artes, da filosofia na formação humana, com ênfase na formação docente para que não haja a minimização do saber, transformado em mera informação.

Para Coêlho (2009, p. 209) o reducionismo do saber nas instituições escolares, transforma-a em organização socialⁱⁱⁱ, deixando de ser instituição, instituinte. A escola não resume em produção, é lugar de relacionar, formar, pensar, criar, imaginar.

Intrinsecamente constitutivas da escola e dela inseparáveis, são as ideias de cultura, interrogação, pensamento, sentido e gênese do real e do imaginário, formação, convivência com o saber, participação no poder, criação cultural, elevação espiritual e moral dos homens em processo de humanização de si e de suas obras.

A aula, a educação, a formação é reflexão, é trabalho do pensamento para criar, recriar, pensar, compreender, sentir. Dessa forma, a sensibilidade, a imaginação, a construção, reconstrução faz-se presente, tornando o mundo significativo. “Formar o professor é ensiná-lo a introduzir os alunos numa provocante aventura intelectual e humana, na busca sempre retomada da verdade (Coêlho, 2009, p. 214)”. Portanto, a formação de professores é fundante para conhecer, refletir, para o saber crítico, formação cultural, que tenha autonomia e liberdade, é um exercício de cidadania em seu ofício, de ser professor, educador, formador.

No entanto, para alcançar esse objetivo, é importante pensar na formação de professores de uma forma crítica. Assim, eles poderão promover mediações educativas que envolvem aspectos históricos, culturais, filosóficos e sociais por meio do trabalho pedagógico. Essa abordagem vai além de simplesmente preparar o professor com conhecimentos técnicos, habilidades didáticas ou uma coleção de informações conteudistas e científicas, conforme Severino (2003). Ela também valoriza as competências, habilidades e atitudes práticas dos professores, defendendo uma formação baseada na ideia de desenvolvimento integral, conhecida como *bildung*.

Severino (2003) enfatiza que a preparação dos educadores, enquanto *bildung*, deve abordar as dimensões dos conteúdos específicos, das habilidades técnicas e das relações situacionais, isto é, realizar-se de maneira a torná-los profissionais qualificados e conscientes do significado da educação enquanto um direito social e que possa mediante o exercício de sua função estender essa consciência aos seus educandos.

Fica claro, então, que a formação dos professores na racionalidade crítica (ou epistemologia da práxis) deve envolver aspectos técnicos, éticos e políticos, por meio da construção de conhecimentos dos campos sócio-históricos, didáticos, culturais, filosóficos, humanos e científicos, sem deixar de lado a criatividade e a sensibilidade.

De acordo com Souza (2014), a formação de professores está relacionada ao desenvolvimento completo do ser humano, abrangendo aspectos sociais, emocionais, intelectuais, pedagógicos, técnicos, espirituais, políticos e éticos. Ele acredita que atuar e se formar são processos que envolvem a colaboração de todos e que são libertadores, pois ajudam a criar novas maneiras de pensar e transformar a realidade, sempre na busca por justiça social.

Defende-se, então, que a formação dos professores possibilite, por parte do professor, a compreensão da realidade em suas dimensões, histórica, social, econômica, política e cultural, ética, filosófica, antropológica, que seja capaz de intervir nessas realidades e transformá-las, e, que sejam capazes de proporcionar aos seus discentes experiências estéticas e filosóficas nos ambientes educativos.

Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo refletir sobre a relação entre a educação, a arte e a filosofia na formação integral do ser humano, destacando que a experiência estética e o pensamento crítico, potencializados pela filosofia e a arte no contexto educacional, são fundamentais para a formação humana em sentido amplo, uma formação emancipadora.

A educação estética abrange diversos saberes de diferentes âmbitos para a formação do pensamento, para a formação cultural. A formação do homem se efetiva quando há conscientização de algo. A experiência formadora busca novas experiências, conhecer e olhar o mundo e retornar para si. Sair de si, conhecer e retornar a si. A experiência elabora novas atitudes, conhecer e reconhecer o mundo.

Compreendeu-se, portanto, que a filosofia e arte, ao lado das letras e das ciências, inseridas no contexto plural e coletivo dos ambientes educacionais contribuem para formar sujeitos autônomos, capazes de duvidar, contestar e buscar o sentido do mundo, em oposição à simples repetição de informações.

Essa perspectiva prioriza a visão construtivista da educação, em que o conhecimento não é simplesmente transmitido, mas sim construídoativamente pelo estudante por intermédio da interação com o ambiente, com o docente e com os saberes previamente construídos. Em outros termos, é uma abordagem educativa na qual o aprendizado é um processo de construção e de transformação do indivíduo no âmbito de seu desenvolvimento como ser humano.

Assim, apreende-se que a educação para formação humana deve ser fundamentada no exercício do pensamento, na criação, na imaginação, na criticidade e na reflexão, indo além do conteudismo e instrumentalidade que, no contexto atual, orienta o trabalho educativo no âmbito das escolas. Assim, parece necessário reconhecer que o movimento do pensamento possibilita a reflexão do ser no mundo e a compreensão de tudo o que o envolve, tornando o homem autônomo, emancipado, crítico, ético e político.

Entende-se, portanto que a educação no sentido da formação humana vai além da instrumentalização, do tecnicismo, da preparação para o trabalho. Uma formação em sentido amplo possibilita o trabalho do pensamento, o exercício da liberdade, da autonomia e da conscientização, trabalho no qual a filosofia e a arte são fundamentais. Contudo, para que esta formação integral aconteça, faz-se importante refletir sobre os projetos de formação de professores no contexto da sociedade capitalista hodierna e reconhecer a necessidade e urgência de romper com essa lógica instrumental.

Espera-se que o presente estudo contribua com as discussões sobre a formação humana na área da educação. Pôr em questão a relação entre educação, arte e filosofia possibilitou trazer à memória o quanto tais realidades são fecundas e que, voltar às suas especificidades e à sua condição de indissociabilidade em termos de realização nos parece algo necessário e relevante.

Referências

- AMARAL, Roberto Antônio Penedo do. Formação humana, literatura e o ensino de filosofia. In: VIANA, Cláudio Pires; CARVALHO, Renata Ramos da Silva; OLIVEIRA, Valdirene Alves de. **Universidade, direitos sociais e formação humana: contextos e desafios**. Anápolis: Editora UEG, 2020, p. 29 – 40.
- AMORIM, Verussi Melo de; CASTANHO, Maria Eugênia. Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação. Santa Cruz do Sul, **Reflexão e Ação**, v. 15 n. 1 (2007): Identidade e Diferença na Educação, p. 158-173. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v15i1.229>. Acesso em: 08 jul. 2025.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- COÊLHO, Ildeu Moreira. Escola e formação de professores. In: COÊLHO, Ildeu Moreira. **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009, p. 203 -218.
- COÊLHO, Ildeu Moreira. Cultura e educação escolar: questão a ser pensada, realidade a ser inventada. Conferência de encerramento do **XXIV Congresso de Educação do Sudoeste Goiano**. Universidade Federal de Goiás: Campus de Jataí – GO, 7 nov. 2008.

FURTADO, Rita Márcia Magalhães. A experiência estética como experiência formadora. In: COELHO, Ildeu Moreira (Org). **Educação, cultura e formação:** o olhar da filosofia. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009, p. 139-161.

ROSSI, Rafael; ROSSI, Aline Cristina Santana; ASSUMPÇÃO, Mariana de Cássia. A objetividade da ciência, a grande arte e a filosofia na educação escolar. **InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, v.26, ns.51 e 52, p.140-158, jan./dez. 2020.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Preparação técnica e formação ético-política dos professores. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas.** São Paulo: UNESP, 2003, p.71-90.

SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de. Qualidades epistemológicas e sociais na formação, profissionalização e prática dos professores. In: SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de; MAGALHÃES, Solange Martins de Oliveira (org.). **Poiéses e Práxis II: formação, profissionalização, práticas pedagógicas.** 2.ed. Goiânia: Editora América; Ifiteg, 2014, p. 81-94.

Notas

ⁱ Paidéia quer dizer “formação humana livre e nutrida de experiências diversas, sociais e também culturais e antropológicas” (Cambi, 1999, p.82).

ⁱⁱ Enquanto instituição de educação “a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular” (Saviani, 2011, p. 14).

ⁱⁱⁱ Reduzida, porém, à condição de coisa, realidade equivalente a outras, a escola passa a ser vista como organização social, podendo ser gerida e avaliada do mesmo modo e segundo os mesmos princípios, critérios e normas usados, por exemplo, nos meios empresariais. Torna-se refém da lógica e das práticas do mundo dos negócios, das empresas. E então as ideias e as práticas que nela parecem voltadas para a formação do cidadão, a autonomia, o pensamento e a crítica correm sérios riscos de não passar de boas intenções, de distorções e equívocos de toda ordem. Reduzida a organização, a escola deixa de se *instituição*, perde sua força instituinte, seu sentido, identidade, razão de ser, legitimidade e atribuições publicamente reconhecidas pela sociedade, pelas outras instituições, entre elas o Estado e a família (Coêlho, 2009, p. 209).

Sobre as autoras

Monaliza Alves Lopes

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Goiás – PPGE – UEG/Inhumas. Formada em Pedagogia com especialização em Docência no Ensino Superior, Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia.

E-mail: lopesmonaliza11@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1272-9523>.

Juliane Aparecida Ribeiro Diniz

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás – PPGE/FE/UFG. Possui Bacharelado em Ciências Econômicas, Licenciatura em Música, Letras e Pedagogia. Participante do grupo de Pesquisa em Tecnologias e Educação a Distância (GEaD/UFG/DGP-CNPq). Pró-reitora Acadêmica Adjunta do Centro Universitário Alfredo Nasser- UNIFAN. E-mail: julianeard@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6584-0957>.

Recebido em: 08/11/2025

Aceito para publicação em: 28/11/2025